



TECNOLOGIA É LUGAR DE MULHER? O NOVO CENÁRIO MUNDIAL DIGITAL FRENTE À DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Letícia da Fontoura Tomazzetti¹

Marli Marlene Moraes da Costa²

O presente estudo visa analisar as razões pelas quais há um número consideravelmente menor de mulheres atuando nas áreas da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, sobretudo em um cenário globalizado com cada vez mais protagonismos dessas áreas nas novas tecnologias. Dessa forma, nesse primeiro momento principal, o problema a ser averiguado com a presente pesquisa é compreender se dinâmicas sociais de subjugação da mulher, sobretudo em tarefas que exigem poder intelectual maior, que geram a chamada divisão sexual do trabalho, são as responsáveis pelo menor número de mulheres/meninas nas áreas da tecnologia e até que ponto corroboram para essa acentuação.

Sendo assim, o presente trabalho utiliza a metodologia indutiva, uma vez que parte do levantamento de dados que mapeou a presença e atuação de mulheres nesse seguimento profissional, ligado às áreas da academia e ciência, e que percebeu a sua considerável sub-representação nessa área, para, então, estudar as raízes históricas que levaram a este fenômeno. Na sequência, desenvolve-se a análise do estudo a respeito da divisão sexual do trabalho, presente até os dias atuais, nas novas dinâmicas sociais. Corroborando a isso, o método de procedimento utilizado foi o histórico-comparativo, conjugado com a técnica de pesquisa de documentação indireta.

Assim, a ausência de figuras femininas na história, independente da área de atuação, não é novidade, tratando-se de um processo de tentativa de

¹ Mestranda em Direito, na linha de pesquisa de Políticas Públicas de Inclusão, pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Graduada em Direito pela Universidade Franciscana – UFN. Membro do Grupo de Pesquisa Direito, Cidadania e Políticas Públicas, registrado junto ao CNPq.

² Pós-Doutora em Direitos Sociais e Políticas Públicas pela Universidade de Burgos. Profa do Curso de Mestrado e Doutorado em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Direito, Cidadania e Políticas Públicas, registrado junto ao CNPq.



apagamento de tais personalidades do cenário mundial, como tentativa de manter os mesmos padrões de dominação e domesticidade feminina. Diante desse cenário, um mapeamento realizado pela UNESCO (2022) identificou a discrepância na presença de mulheres no cenário das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática – conhecida pela sigla STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*).

Segundo referido estudo, apenas 35% das pessoas que estudam temas relacionados ao STEM são mulheres (UNESCO, 2022), sendo que no Brasil, em que pese as taxas de matrículas de homens e mulheres estudantes serem similares em praticamente todas as faixas de ensino, uma proporção considerável de homens nos cursos das referidas áreas muito superior do que mulheres. “Em uma turma de trinta estudantes universitários de computação, por exemplo, encontra-se em média apenas seis mulheres (13%)” (UNESCO, 2022) e, ainda, as matrículas femininas em cursos relacionados à engenharia correspondem ao percentual de 21% (IBGE, 2021). Por fim, referido estudo identificou que, mesmo quando elas decidem por cursos relacionados às áreas de STEM, ainda tendem a ter uma taxa mais alta de desistência (UNESCO, 2018)³.

Diante disso, encontra-se a necessidade de se entender por quais razões há uma divisão sexual nas áreas relacionadas à ciência e tecnologia, cenário que se apresenta preocupante quando colocado frente às novas dinâmicas sociais globalizadas, que demonstram que o futuro do mercado de trabalho se consolidará mediante essas áreas. Dessa forma, tal cenário decorre de raízes históricas elencadas junto ao surgimento do capitalismo.

Este, por sua vez, teve sua ascensão com base na pressão das mulheres e do ideal chamado de acumulação primitiva de capital. A opressão feminina e conseqüente domesticação – ou seja, a inserção de mulheres ao ambiente doméstico – foi essencial ao desenvolvimento do capitalismo e do

³ Cabe uma ressalva crítica ao fato da ausência de dados referente ao recorte de raça no presente estudo mencionado, uma vez que esse percentual deve cair de forma muito mais drástica quando analisadas as questões de raça, sobretudo pelos recortes opressores que ocorrem de forma conjunta de gênero e raça na sociedade capitalista atual.



surgimento da sociedade patriarcal, na medida em que, conforme refere Federici (2017), ocorreu mediante o movimento denominado de Caça às Bruxas. Tal movimento, retirou das mulheres inclusive os conhecimentos que tinha e eram disseminados, sendo estes chamados de magia e aquelas de bruxas, o que conferia pleno direito de serem queimadas nas fogueiras.

A Caça às Bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social. (FEDERICI, 2017, p. 294) Instalados os ideais capitalistas, burgueses e patriarcais, à mulher foi conferido o ambiente doméstico, enquanto ao homem, restou conferida a atividade produtiva e a força de trabalho.

Após revolução industrial e, já no século XX, pós cenário apresentado pela Segunda Guerra Mundial, com o avanço da tecnologia doméstica, a redução das famílias e o crescimento do setor de serviços, constatou-se a necessidade de inserção da força feminina do mercado de trabalho, o que ocorreu de forma precária, informal e, novamente, subjugada.

Na sequência, quando da ascensão do fenômeno da globalização, já na década de 1990, potencializada pelo cenário neoliberal das décadas de 1970 e 1980, houve um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. Contudo, um dos paradoxos mais comuns trazidos pela globalização ocorreu justamente nesse aumento do emprego remunerado ao tempo que acompanhado pela precarização e vulnerabilidades crescentes.

Todavia, em que pese muitas mudanças e conquistas, principalmente no que tange aos movimentos feministas, a situação da divisão sexual de tarefas no âmbito social permaneceu inalterada, de forma que a mulher manteve sua relação de pertencimento chamado de “natural” com o trabalho doméstico e reprodutivo. Tal trabalho pressupõe a produção para fins não mercantis, isto é, a relação entre o trabalho doméstico e a dever de cuidado por parte do gênero feminino.



Nesse ponto, adentrando no ideal de gênero, cabe mencionar que, conforme apontado por Butler (1993) os sujeitos são nomeados quando da sua existência, por um discurso que os coloca em hierarquia social, incluindo-os ou excluindo-os, explicando, portanto, como a diferença sexual é transformada em desigualdade e subordinação social. Corroborando a ideia construção social de papéis, por meio de determinismos de gênero, menciona que é a partir do processo de socialização que os indivíduos adquirem traços de personalidade e, portanto, alguns traços não são inerentes ao nascimento, mas sim baseados no ambiente e relações sociais a que se encontram submetidos (BUTLER, 1993).

Nesse sentido, Saffioti (1979, p. 38), reflete a respeito das atividades desenvolvidas por mulheres, no sentido de limitá-las ao que se chama de trabalho invisível, ou seja, aquele que não é perceptível mas é essencial a manutenção de uma sociedade capitalista, baseada nos ideais de classe e gênero, "por outras categorias sociais subprivilegiadas, a sociedade necessita do trabalho das mulheres cujos rendimentos são imprescindíveis para sua sobrevivência".

Conforme refere Hirata (2002, p. 280) "A "divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder". Ainda, imprescindível mencionar o recorte de classe como fatores sociais que influenciam na escolha e ocupação feminina nesses espaços. Assim, às mulheres é destinado o trabalho invisível, ou quando há uma maior emancipação, a depender da classe social e das oportunidades vivenciadas por seu meio, geralmente o trabalho que se apresenta é o dominado pelo ideal de cuidado, tal como os das áreas da saúde enfermeiras e dentistas ou da educação, como professoras.

Diante disso, tais construções sociais e simbólicas, que são naturalizadas e disseminadas, influenciam nas construções e produções culturais e ajudam a manter as mesmas estruturas patriarcais, que embasam a insistente permanência da divisão sexual do trabalho, mesmo nos dias atuais. Dessa forma, no que tange à presença de mulheres nas áreas ligadas às tecnologias, matemáticas e engenharias, é possível perceber que não se trata,



de fato, uma liberdade de escolha, mas sim que são condicionadas por meio de vetores sociais pré-concebidos a escolherem áreas de atuação condizentes aos estereótipos de gênero, tais como nas áreas da educação e saúde, ou seja, que remetem à ideia de cuidado.

Sendo assim, as raízes históricas aqui apresentadas dão conta de demonstrar que desde o desenvolvimento de uma sociedade capitalista, sempre coube à mulher a responsabilidade pelas tarefas domésticas, com base no discurso da naturalidade feminina para o cuidado. Essa atribuição social do cuidado ao feminino, primeiramente, limitou a vida das mulheres ao espaço privado, e posteriormente, com as transformações socioeconômicas e a busca de independência feminina, marcou desvantagens em relação aos homens na atuação econômica e social.

No mesmo sentido, o desenvolvimento do emprego em serviços está, assim, estreitamente ligado a esse movimento e às crises econômicas e recessão, de forma que a divisão sexual do trabalho permanece. Em outras palavras, as desigualdades de salários, de condições de trabalho, sobretudo do trabalho doméstico, e de oportunidades geradas em relação a força produtiva e ao desempenho intelectual, não se modificaram substancialmente, estando presente até os dias atuais.

Sendo assim, a ideia de que as mulheres são as propulsoras do cuidado e os homens do capital, se propaga ainda nos dias atuais, principalmente quando se analisa que a respeito das escolhas profissionais de meninas e mulheres. Diante disso percebe-se que mesmo quando o direito ao labor chegou, este veio no significado de labor informal e precário. Ainda, quando um pouco mais avançado nesta seara, se verifica que mesmo diante do direito de estudar, o labor do cuidado é o atribuído às mulheres, o que justifica, portanto, a razão pela qual há percentuais tão discrepantes nas áreas das tecnologias, engenharias e matemáticas: historicamente esses papéis foram atribuídos aos homens, sendo que a mesma dinâmica de divisão sexual do trabalho permanece forte nas dinâmicas sociais atuais.



Palavras-chave: Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática; Divisão sexual do Trabalho; Trabalho do cuidado.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, 1993.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

UNESCO. **Mapeamento de iniciativas de estímulo de meninas e jovens à área de STEM no Brasil**. 1 ed. Paris: 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380903>; Acesso em: 09 set. 2022.